

26-5-946

# OS CINCO PONTOS

155

Chegam-nos, de vez em quando, das diferentes partes do globo, interessantes estudos sobre o futuro da organização económica das Nações, em regimes que não sejam marxistas nem totalitários; isto é, nos regimes que se inspiram no integral espirito cristão.

Cada um apresenta os seus planos, as suas reformas de estrutura, as suas sugestões. Curioso porém é notar que todos acertam o passo num passado comum, do qual se desviam depois muito mais no pormenor do que no aspecto geral da questão.

Os pontos do acordo universal podem resumir-se nas seguintes grandes aspirações:

**1.ª Respeito da personalidade do trabalhador.**

Supressão, portanto, do proletariado, isto é, da massa anónima do povo que apenas tem consciência de ser um numero na multidão dos sem-responsabilidades pessoais e dos sem eira nem beira; e integração de cada homem operário na organização económica nova e humana, incutindo a cada qual o sentimento nitido das suas possibilidades criadoras e das suas responsabilidades pessoais e sociais.

**2.ª Possibilidade de cada um viver normalmente e de fazer viver, também normalmente, a sua familia,** base essencial para despertar na alma do trabalhador a consciência do seu valor pessoal e o brio no cumprimento do dever. A este respeito, basta observar o orgulho e o interesse com que um pai, que tem a garantia de poder sustentar o seu filho, o vê entrar no seu lar; e a indiferença ou talvez a tristeza com que encara o mesmo acontecimento aquele que não tem a certeza do dia de amanhã.

**3.ª Participação nos resultados que o labor de cada um permite obter ou aumentar,** pois a experiencia e a razão demonstram, que será muito mais fecundo, cuidado e apaixonante o trabalho daquele que tem a certeza de ver reconhecido e recompensado o seu esforço, do que o do outro que tem a certeza do contrario. Aliás a justiça reclama que o resultado de qualquer trabalho pertença a quem o realizou. Quando o trabalho é colectivo e os resultados só apparecem como consequencia dum concurso de vontades e de energias humanas, isto é, dum esforço colectivo cada um deve participar nos beneficios pela parte que lhe tiver cabido na tarefa comum.

**4.ª Acesso à propriedade.** A propriedade é inerente à pessoa. Um homem que não tenha propriedade não tem base onde firme a sua personalidade. Um homem que não possua, praticamente não é livre. Qualquer politica social que se preocupe de reconhecer no homem uma pessoa e não apenas um individuo, tem fatalmente de assentar na distribuição da propriedade por todas as classes do povo, afim de lhe dar o valor social que pertence a cada um e cada um tem o direito de reivindicar.

**5.ª Conhecimento da verdadeira situação da empresa em que cada um trabalha,** como base normal de interesse. E' evidente que o entusiasmo e amor pelo trabalho — sem o qual não pode dizer-se haver verdadeiramente trabalho na plena accepção da palavra — aumenta na medida em que

há conhecimento dos resultados do trabalho. Um investigador que desconhecesse o resultado do seu estudo continuaria a investigação? Um estudante, que não soubesse do resultado das suas canseiras, teria animo para o estudo? Um comerciante que desconhecesse o balanço da sua casa teria o direito de continuar o seu commercio? O segredo, dizem, é a alma do negocio. Será. Mas não é nem pode ser a alma da produção. O silencio de que se cercam os industriais em relação aos seus colaboradores, é sempre prejudicial quer a industria prospere, quer se estagne ou definha. Se prospera sem que tenham do facto conhecimento *prático* operários e empregados, é a inveja que se levanta, o sentimento da injustiça que propaga, o odio que se incendia. Se definha, é a desconfiança, a deserção, o descalabro, um salve-se quem puder, em nada aconselhavel para uma possivel regeneração da empresa. Pelo contrario, o conhecimento da marcha ascendente

da empresa ou da sua paralisa, desperta na alma do trabalhador interesse e vontade firme de colaboração.

Estes cinco pontos em que se resumem actualmente as grandes correntes da sociologia cristã, e as aspirações de todos os trabalhadores que não foram ainda contaminados pelo veneno do marxismo pagão e ateu, não podem realizar-se sem duas pre-  
vias «resoluções».

A primeira, a do sindicalismo. A segunda, a da reforma da organização económica capitalista.

sem um sindicalismo autentico que respeite o valor intelectual e moral dos operários e lhes reconheça capacidade de se dirigirem a elles mesmos, não será possivel realizar as condições necessarias para que assumam as responsabilidades que de direito e dever lhes pertencem. Sem que essas condições estejam realizadas ou, pelo menos, em vias de realização, não será possivel tornar verdadeiramente eficaz a reforma da estrutura económica.

Em proximos artigos, explanaremos o projecto de reforma económica apresentado por Emile Romanet, o grande propulsor em 1916, em França, do salario familiar.

**ABEL VARZIM.**